

DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA AQUISIÇÃO DOS DÊITICOS POR UM CASAL DE GÊMEOS*

Denise Telles Leme PALMIERE

RESUMO *Este estudo abarca três temas distintos. O primeiro deles trata-se do fenômeno das diferenças individuais no processo de aquisição da linguagem, procurando-se contribuir para a ampliação das fronteiras da abordagem clássica encontrada na literatura sobre o tema. O segundo tema deste trabalho é a aquisição da linguagem por crianças gêmeas, com o objetivo de cooperar para o esclarecimento de pontos ainda obscuros e/ou contraditórios encontrados na bibliografia. O fenômeno lingüístico selecionado para observar as diferenças individuais nas crianças foi a aquisição das expressões dêiticas demonstrativas (esse/este x aquele), locativas (aqui x aí/lá), bem como a aquisição do sistema de pronomes pessoais, ao lado da flexão verbal de 1ª pessoa, constituindo-se esse o terceiro grande tema deste trabalho. Os dados utilizados nesta investigação constam de 88 sessões em áudio-tape, somando 44 hs de gravação dos gêmeos não idênticos Augusto e Renata, entre os 2;0 e os 4;0 de idade. Esses dados fazem parte do Banco de Dados do Projeto de Aquisição da Linguagem do Departamento de Lingüística, IEL, Unicamp. O método de investigação adotado neste estudo é o observacional, longitudinal, e a perspectiva teórica adotada é a chamada sócio-interacionista. As conclusões do trabalho apontam para o fato de que as diferenças individuais previstas na literatura sobre o tema não são suficientes para explicar as diferenças encontradas nos gêmeos Augusto e Renata, e apontam também para a necessidade do fenômeno das diferenças individuais ser considerado pelas teorias da área. Adicionalmente, as conclusões não indicam nenhum atraso no desenvolvimento lingüístico dos gêmeos Augusto e Renata, e mostram que essas crianças adotam diferentes estratégias na aquisição dos dêiticos aqui analisados.*

ABSTRACT *This work presents the analysis of individual differences in the acquisition of some deitic terms (demonstratives, locatives, personal pronouns and verbal inflections) by twins. The data reported here, which belong to the data base of Language Acquisition Project developed in the Department of Linguistics at Unicamp, are based on longitudinal records of the speech development of non-identical twins,*

* Texto resultante da Dissertação de Mestrado com o mesmo título apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 07 de Fevereiro de 1996, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Cecília Perroni.

Augusto and Renata, in the age 2;0 to 4;0. The theoretical view is the socio-interactionist. The conclusions show : a) the individual differences predicted by the literature are not enough to explain Augusto and Renata's differences in their acquisition of deitic words; b) no delay was observed in their linguistic development; and c) these children employ different strategies in the acquisition of the deitic terms analysed in this study.

Abordar o fenômeno das diferenças individuais que se manifestam no processo de aquisição da linguagem constituía-se, inicialmente, meu principal objetivo ao desenvolver o trabalho que aqui apresento.

Para tanto, elegi - por tratar-se de uma situação ideal para o estudo de tal tema - o casal de gêmeos brasileiros Augusto e Renata¹ como sujeitos de minha pesquisa. Esta decisão levou-me, inevitavelmente, em direção à abordagem de aspectos inerentes à aquisição da linguagem por crianças gêmeas, especialmente após ter-me dado conta de que a literatura sobre o tema apresenta conclusões paradoxais e resultados que muitas vezes diferenciam crianças gêmeas de crianças não gêmeas em seu processo de aquisição da linguagem.

O fenômeno lingüístico que selecionei para observar mais de perto as diferenças individuais nestas crianças foi a aquisição da dêixis, mais especificamente no que diz respeito à aquisição das expressões dêíticas demonstrativas (*esse/este x aquele*), locativas (*aquí x aí/lá*), bem como a aquisição do sistema de pronomes pessoais, enfatizando a oposição 1ª x 2ª e 3ª pessoas (*eu x você/ele(a)*), ao lado da flexão verbal de 1ª pessoa.

Assim, embora originalmente não tivesse como objetivo inicial abarcar, ao mesmo tempo, temas tão complexos, durante a análise dos dados dos gêmeos A. e R. dei-me conta de que este trabalho poderia tratar desses três grandes temas, a saber, as diferenças individuais, a aquisição da linguagem por crianças gêmeas e a aquisição do sistema dêítico.

Este trabalho, portanto, traz em seu bojo um triplo interesse: contribuir no sentido de ampliar as fronteiras da abordagem clássica, encontrada na literatura sobre o tema, das questões relativas às diferenças individuais observadas na aquisição da linguagem; cooperar para o esclarecimento de pontos ainda obscuros e/ou contraditórios no caso específico da aquisição da linguagem por crianças gêmeas e, finalmente, descrever alguns aspectos do processo de aquisição dos dêíticos por A. e R..

No que diz respeito ao primeiro interesse deste trabalho, ou seja, às diferenças individuais observadas em aquisição da linguagem, toda a descrição e explicação levantadas até então pelos estudos sobre o tema situam-se invariavelmente no interior da dicotomia clássica dos estilos Referencial x Expressivo (ou ainda Semântico x Sintático; Cognitivo x Pragmático; Analítico x Gestáltico ou Holístico; etc). De acordo com Nelson (ap. Bates et al., 1988), a “criança referencial” é aquela que apresenta uma tendência maior a falar sobre coisas, a nomear objetos, e seu vocabulário apresenta alta

¹ Doravante, A. e R., respectivamente.

proporção de nomes, que aparecem em maior número do que qualquer outra categoria de palavra. Por outro lado, a “criança expressiva” demonstra a tendência a usar a linguagem principalmente para interações sociais, e seu vocabulário apresenta itens de várias categorias, como verbos, pronomes e frases como *por favor*, *como vai?*, etc, utilizadas para interagir com os outros.

Assim, o que se observa na literatura sobre o tema² é que, mesmo usando a terminologia “diferenças individuais”, esses estudos apresentam diferenças **grupais** e não **individuais**, valorizando mais as semelhanças do que as diferenças entre crianças, tendo, na verdade, se buscado a regularidade existente no processo de aquisição da linguagem.

Este trabalho, ao analisar as diferenças no processo de aquisição dos dêiticos pelos gêmeos A. e R., configura-se como um elemento importante para a ampliação dessa abordagem clássica das diferenças individuais, visto que o que é previsto na literatura não é suficiente para explicar devidamente as diferenças observadas nos dados dessas crianças.

A bibliografia existente sobre o tema limita o fenômeno a algo muito específico que é a “preferência” da criança por uma ou outra categoria de palavra. Entretanto, nos dados de A. e R., no período de 2;0 aos 4;0 de idade, em nenhum momento observei qualquer “preferência” dessas crianças por uma categoria específica de palavra. Também não é possível diferenciar essas crianças quanto à “tendência” a usar a linguagem mais para “falar sobre coisas” ou mais para “interagir com os outros”. Assim, não se pode diferenciar A. e R. adotando a dicotomia clássica dos estilos Referencial x Expressivo.

Por outro lado, inúmeras diferenças foram observadas entre os dados de cada uma dessas crianças, especialmente no que diz respeito à aquisição dos dêiticos - fenômeno lingüístico de interesse deste trabalho:

a) a forma dêítica demonstrativa *isso* emerge aos 2;9 nos dados de A., enquanto que nos dados de R. aparece aos 3;0;

b) a forma dêítica locativa *lá* aparece primeiro nos dados de R., aos 2;10, sendo que nos dados de A. a forma *lá* surge apenas seis meses mais tarde, aos 3;4;

c) a expressão demonstrativa *aquele* é muito mais freqüentemente encontrada nos dados de A. do que nos de R. (cerca de três vezes mais), o que mostra que o emprego dessa forma é menos produtivo para R. do que para A., pelo menos até os 4;0 de idade;

d) a forma *aquela*, flexionada no feminino, aparece aos 3;2 nos dados de A. e somente aos 3;7 nos de R.;

e) o **contraste** entre as formas *esse* x *aquele* parece não estar ainda consolidado, pelo menos, até os 3;4 para A. e os 3;7 para R.;

² A partir do trabalho de Nelson, uma série de outros estudos foram dedicados à análise da questão das diferenças individuais. Entretanto, o que se percebe é que, de maneira geral, os estudos posteriores mantêm esta dicotomia básica Referencial x Expressivo - ainda que sob outra nomenclatura - e não chegam a abordar outros aspectos que possam existir com relação à diversidade que se apresenta no processo de aquisição da linguagem por diferentes crianças. Alguns exemplos são os trabalhos de Bloom e Bloom et al. (apud Bates et al., 1988), Peters (1977 e 1983), Halliday (1975), Horgan (apud Bates et al., 1988), entre outros.

f) as ocorrências do dêitico *aqui*, para R., dão-se principalmente em respostas a perguntas do tipo *Cadê x?* ou *Onde está x?* enunciadas pelo adulto. O mesmo já não ocorre com A., cujas produções dessa forma dêitica ocorrem em emissões não-resposta a perguntas do adulto;

g) a aquisição do pronome pessoal *eu* deu-se em seis meses para A. (dos 2;2 aos 2;8) e em oito meses para R. (dos 2;2 aos 2;10), sendo que A. vive exaustivamente três etapas: do uso do nome próprio como auto-referência, passando ao uso da forma *a* preenchendo posição prosódica que em momento posterior será preenchida gramaticalmente com o pronome *eu*, até chegar ao uso efetivo do *eu*. Já para R. o processo é outro: ela praticamente ignora a etapa vivida pelo irmão, do uso da forma *a*, e passa diretamente do uso do nome próprio como auto-referência para o uso do pronome *eu*;

h) R. leva três meses para adquirir a flexão verbal de 1a. pessoa do singular no presente do indicativo, enquanto A. demora quatro meses para a mesma aquisição. Além disso, os primeiros verbos devidamente flexionados da primeira pessoa nos dados de R. são alguns de 1a. conjugação, seguidos pelos irregulares *pôr* e *saber* e pelo de 2a. conjugação *querer*. Já A., diferentemente, começa a flexão de 1a. pessoa com verbos irregulares, só então passando para os de 1a. conjugação (o que talvez explique o tempo maior gasto por ele para tal aquisição).

i) os verbos flexionados na 1a. pessoa do pretérito perfeito por A. foram alguns de 1a. conjugação, seguidos pelos de 2.a conjugação *ver* e pelos de 3a. *abrir*, sendo que só aos 3;2 aparecem os verbos irregulares *fazer* e *ir* devidamente flexionados na 1a. pessoa do pretérito perfeito. Para R., diferentemente, os primeiros verbos flexionados na 1a. pessoa do singular do pretérito perfeito são alguns da 1a. conjugação, seguidos pelos de 3a. conjugação *cair* e pelo irregular *ir*. O verbo de 2a. conjugação, *bater*, só aparece devidamente flexionado na 1a. pessoa do pretérito perfeito aos 3;5.

Além das diferenças apresentadas acima na aquisição dos dêiticos por A. e R., outra diferença importante observada nos dados dessas crianças refere-se ao uso do dêitico *esse* com função de operador de discurso. Por volta dos 2;10, A. usa, em contextos de “ler” histórias em livrinhos, um tipo de estratégia que consiste em perguntar *E este?* com o objetivo de manter o mesmo tipo de interação, o mesmo tópico do diálogo e também fazer com que o adulto desenvolva a narrativa contida no livrinho que está sendo manipulado.

Nos dados de R., diferentemente, tal fenômeno não aparece. O que vemos é o uso de *esse-operador discursivo* **pelo adulto**, que insiste no fato de que seja R. que prossiga na produção de um texto que futuramente será o de uma narrativa. Já nos dados de A., é o menino quem usa o *esse-operador discursivo* para fazer com que o adulto avance a narrativa.

Essa diferença na produção lingüística de A. e R., no que diz respeito ao uso de *esse-operador discursivo*, mostra-se consistente com as diferenças entre essas mesmas crianças apontadas por Perroni (1991) em seu trabalho sobre as diferenças individuais entre os gêmeos A. e R..

De acordo com a autora, predomina, nos dados de A., o tipo de discurso denominado como descritivo/comentativo (do aqui e agora), enquanto nos dados de R., diferentemente, predomina o discurso narrativo. Assim, A. pode ser descrito como inquisidor, enunciando muitas perguntas do tipo *por que x?*, enquanto R. dedica-se principalmente à construção de narrativas.

Perroni (op. cit.) apresenta como explicação para essas diferenças no desenvolvimento lingüístico de A. e R. o tratamento diferenciado dado pela mãe a uma e a outra criança. A mãe privilegia, no tratamento dado ao menino, a atividade sobre objetos (o que não o caracteriza como uma criança referencial, visto que não há preferência desta criança por nomes em relação a outras categorias de palavras), a iniciativa nas decisões e a ação sobre o mundo. Por outro lado, à R. a mãe oferece papel menos ativo em relação à atividade física sobre objetos, centrando sua ação principalmente no manuseio de livrinhos de histórias infantis ou na ação de relatar fatos ou de contar histórias.

As conclusões a que chego em minha pesquisa a partir da observação dos dados de A. e R., especialmente no que diz respeito ao uso do *esse-operador discursivo*, confirmam as conclusões de Perroni (op. cit.). Verifiquei que, em contextos de manipulação de livrinhos de histórias, A. dirige ao adulto perguntas contendo *esse-operador de discurso*, que fazem com que o adulto desenvolva a narrativa. Por outro lado, nos dados de R., em contextos do mesmo tipo, o que se vê é o adulto - especialmente a mãe - usando *esse-operador discursivo* em perguntas que levam R. a desenvolver um tipo de discurso que futuramente será o de uma narrativa.

Assim, com o uso de *esse-operador discursivo*, o adulto incentiva R. a narrar, enquanto A. isenta-se dessa atividade e atribui ao adulto o papel de narrador de histórias.

Por outro lado, o adulto dirige a A. muitas perguntas contendo *esse-operador discursivo*, sendo que, em sua maioria, tais perguntas indagam sobre objetos e eventos do mundo físico.

Vê-se, pois, que com perguntas contendo *esse-operador discursivo* o adulto direciona R. para narrar e A. para a atividade sobre objetos e para a ação sobre o mundo.

Assim, com relação ao que afirma Perroni (op. cit.) sobre o tratamento diferenciado dado pelo adulto a uma e a outra criança, verifiquei neste trabalho que o uso do *esse-operador discursivo* configura-se como importante. Enunciando perguntas que contêm *esse-operador discursivo*, o adulto leva R. a narrar e leva A. a atuar sobre o mundo e os objetos. Em outras palavras, o adulto desempenha um papel fundamental na “especialização” de R. no discurso narrativo e de A. no discurso descritivo/comentativo (do aqui e agora), sendo que o uso de *esse-operador discursivo* parece ser uma estratégia - ainda que inconsciente - do adulto para levar cada uma das crianças a “especializar-se” num determinado tipo de discurso.

Além das diferenças individuais entre os dados de A. e R. observadas neste trabalho, pude verificar, também, diferenças entre os dados desse casal de gêmeos e os dados de outras crianças, sujeitos de outros estudos.

Com relação à aquisição das expressões dêiticas demonstrativas *esse x aquele*, os resultados encontrados mostram-se diferentes dos encontrados por Tfouni e Klatzky (1983). De acordo com essas autoras, a forma *that (aquele)*, por ser um termo “mais simples” ou “não marcado”, seria adquirida antes da forma *this (esse)*. A. e R., diferentemente, adquirem primeiro o dêitico *esse*, sendo *aquele* adquirido somente em momento posterior e produzido em quantidade bem inferior à forma *esse*.

No que diz respeito à aquisição das expressões dêiticas locativas, os dados de A. e R. não se enquadram no que é apontado por Clark e Sengul (1978), ao analisar dados de algumas crianças, quanto à existência de um primeiro estágio na aquisição dos contrastes dêiticos. De acordo com essas autoras, nesse estágio, chamado de “estágio de nenhum contraste”, a criança usa indistintamente as palavras de cada par de dêitico, e isto não foi observado nos dados de A. e R.. Também não foram encontradas, nos dados dessas crianças, evidências do que essas autoras chamam de “estágio de contraste parcial”, em que aparecem erros no que diz respeito à produção ou compreensão das expressões *aqui e lá*, decorrentes da não percepção da criança de que o ponto de referência de tais expressões é sempre o falante.

Além disso, ainda com relação às expressões locativas, os resultados encontrados no estudo dos dados de A. e R. colocam-se como distintos das conclusões de Tfouni e Klatzky (op. cit.) de que a forma *lá*, por ser “mais simples” ou “não-marcada”, seria mais facilmente compreendida pelas crianças e adquirida em momento anterior à forma *aqui*. Os dados de A. e R. mostram o oposto: a forma *aqui* é adquirida em momento anterior e é bem mais produtiva que a forma *lá* para essas crianças.

Finalmente, no que diz respeito à aquisição do pronome *eu*, os dados de A. e R. mostram que tais crianças levam seis e oito meses, respectivamente, para tal aquisição, o que se mostra distinto do tempo gasto por N. C., sujeito do estudo de Perroni-Simões (1976), que é de três meses para a mesma aquisição. Além do tempo gasto para a aquisição do *eu* (o que revela não um atraso de A. e R., mas processamentos diferentes dessas crianças quanto a este aspecto da aquisição), outra diferença entre os gêmeos e N. C. é o fato desta criança usar o pronome de 3a. pessoa *ela* para auto-referência, o que em nenhum momento foi encontrado nos dados de A. e R..

Diante de todas essas diferenças individuais observadas entre os dados de A. e R., e também entre os dados dessas crianças com os de outras, sujeitos de outros estudos, surge a pergunta: como dar conta de todas essas diferenças no âmbito da dicotomia “criança referencial” x “criança expressiva”? Como explicar tais diferenças recorrendo-se a uma questão de “preferência” da criança por uma ou outra categoria de palavra ou sua “preferência” por objetos ou por pessoas?

Como já afirmei anteriormente, tanto A. como R. não demonstraram nenhuma preferência por uma categoria específica de palavra e ambos atuavam igualmente sobre o mundo e também sobre o adulto, participando ativamente do esquema de interação comunicativa. Assim sendo, não há como caracterizá-los como “referenciais” ou “expressivos”. Como, então, explicar todas as diferenças individuais encontradas nos dados dessas crianças em seu processo de aquisição dos dêiticos?

Todas essas considerações levam-me a concluir que as diferenças individuais previstas na literatura sobre o tema não são suficientes para explicar as diferenças aqui

apresentadas, apontando, assim, para a necessidade de um questionamento e de uma revisão da discussão sobre este fenômeno.

Outro aspecto ainda a ser ressaltado com relação às diferenças individuais em aquisição da linguagem é a importância dada ao fenômeno pelas diversas teorias existentes na área. O fato dessas diferenças individuais existirem demanda uma explicação. Entretanto, nem todas as teorias da área de Aquisição da Linguagem tomam o fenômeno das diferenças individuais como objeto de estudo. Talvez devêssemos caminhar em busca de teorias que dêem conta desse fenômeno, deixando um pouco para trás a busca da universalidade, do falante/ouvinte ideal, que cada vez mais parece uma abstração tão evanescente quanto afastada da “realidade” dos sujeitos que a cada dia (re)constróem uma língua natural.

Quanto ao segundo interesse deste trabalho, creio que os dados de A. e R. também foram úteis para colaborar para um esclarecimento maior de pontos ainda obscuros e/ou contraditórios na aquisição da linguagem por crianças gêmeas.

São poucos os estudos científicos que tenham se baseado em dados empíricos, resultantes da observação de casos concretos de crianças gêmeas e naqueles de que se tem notícia encontram-se conclusões contraditórias. Afirma-se, por um lado, que gêmeos teriam um desenvolvimento lingüístico mais demorado que crianças não gêmeas, posição sustentada por autores como Day, Davis e Lübbe (ap. Savic, 1980). Por outro lado, alguns desses autores - Luria e Yudovich, Zazzo e Lübbe (ib.) - sustentam que crianças gêmeas seriam propensas à invenção de línguas “secretas”.

A maioria desses autores acredita que as crianças gêmeas se desenvolvem mais lentamente que as não gêmeas e tal concepção é geralmente justificada pelo que esses autores denominam “situação” ou “efeito gemelar”, ou seja, o contexto em que vivem os gêmeos é considerado como sendo o da união de dois formando um par que não teria a necessidade de se comunicar com os adultos, daí a possibilidade de surgimento de uma linguagem secreta. Tais autores concluem ainda que os gêmeos teriam dificuldade em distinguir-se um do outro devido à proximidade psicológica de seu mundo.

Com relação a esses estudos, várias críticas podem ser feitas: a) o fato de serem baseados na aplicação de testes a crianças individualmente descaracteriza a peculiaridade da situação gemelar (cf. Grieve, 1982); b) os autores julgam o desenvolvimento lingüístico das crianças com base em categorias gramaticais do adulto (cf. Savic, 1980), não considerando a relação entre a fala do adulto dirigida às crianças e a fala produzida por estas; c) sendo estes estudos baseados na aplicação de testes às crianças-sujeito, produzem resultados cuja validade para uma generalização da natureza do processo do desenvolvimento pode ser muito questionada.

Além disso, em nenhum momento de meu estudo pude verificar qualquer possibilidade de comprovar-se a hipótese da criação pelos gêmeos A. e R. de uma linguagem “secreta”. E no que diz respeito à aquisição do sistema dêitico, não observei qualquer “atraso” no desenvolvimento lingüístico dessas crianças relativamente ao desenvolvimento de crianças não gêmeas.

Também não se sustenta, dentro deste trabalho, a hipótese de que os gêmeos teriam “dificuldade em distinguir-se um do outro devido à proximidade psicológica de seu mundo”, como concluem os autores citados. Ao contrário, o que pude observar em

vários momentos do desenvolvimento lingüístico de A. e R. foi o fato de que, embora gêmeos, estas crianças adotam diferentes estratégias individuais na aquisição da linguagem, seja na aquisição das expressões dêiticas demonstrativas, locativas, bem como na aquisição do pronome pessoal de la. pessoa e da flexão verbal. Isso demonstra que, pelo menos no que diz respeito a esses aspectos aqui estudados, os gêmeos A. e R., já desde os 2;2 de idade, atuam como indivíduos independentes e distintos um do outro.

Assim sendo, as conclusões a que chego no decorrer de meu trabalho distanciam-me daquelas sustentadas pelos autores citados e levam-me em direção oposta, aproximando-me da visão apresentada no extenso trabalho de Savic (1980).

De acordo com essa autora, a existência de uma “linguagem secreta” dos gêmeos carece de comprovação empírica e desde que haja interação entre essas crianças e os adultos, seu desenvolvimento pode se dar da mesma forma que para as crianças não gêmeas, não parecendo haver nada de misterioso no processo de aquisição da linguagem por crianças gêmeas.

O terceiro interesse deste trabalho, como já apontei, diz respeito à aquisição de algumas expressões dêiticas por A. e R., fenômeno lingüístico selecionado para a observação das diferenças individuais entre essas crianças.

De acordo com Benveniste (1988), os “indicadores” da dêixis são signos “vazios”, não referenciais em relação à “realidade”, sempre disponíveis, e que se tornam “plenos” assim que um locutor os assume em cada instância de discurso (op. cit., p. 280), sendo desprovidos de referência material. São signos que estão ligados ao próprio exercício da linguagem.

Lyons (1977) afirma que dêiticos são palavras que relacionam os enunciados ao contexto espaço-temporal criado e sustentado pelo momento da enunciação:

By deixis is meant the location and identification of persons, objects, events, processes and activities being talked about, or referred to, in relation to the spatiotemporal context created and sustained by the act of utterance and the participation in it, typically, of a single speaker and least one addressee. (Lyons, 1977:637).

Para Lyons (op. cit.:163) a dêixis “permeia a gramática e o vocabulário das línguas naturais”, e é “gramaticalizada” nas línguas em palavras como pronomes pessoais (*eu, você*, etc.); expressões demonstrativas (*este, aquele*); e o artigo definido em alguns usos (*o(s), a(s)*); advérbios temporais e expressões locativas tais como *agora, então, amanhã, aqui, lá*; entre outros.

Eve Clark (1978), em seu trabalho sobre a aquisição dos dêiticos pelas crianças, oferece-nos uma interessante e ilustrativa metáfora para a caracterização desse fenômeno lingüístico: segundo a autora, os dêiticos “ancoram” cada enunciado ao contexto no qual ele é produzido; “ancoram” cada enunciado, pela referência, ao falante no aqui-e-agora.

A questão da dêixis é complexa, como já apontada por Lahud (1979). Assim, limitei-me, em meu trabalho, à análise da aquisição, pelo casal de gêmeos, dos seguintes dêiticos: as expressões demonstrativas *este(a)/esse(a)/isso* x *aquele(a)/aquilo*; as expressões locativas *aqui* x *alí/lá/láí* e o pronome *eu* (em oposição a *ocê/ele/ela*).

Os resultados encontrados na análise dos dados de A. e R. foram:

- Quanto às expressões dêiticas demonstrativas:

a) a primeira expressão dêitica demonstrativa adquirida por A. e R. é *esse* (ou *este*), aos 2;5, correspondendo também ao dêitico demonstrativo mais amplamente produzido pelos gêmeos;

b) as primeiras ocorrências de *esse* / *este* emergem em contextos muito similares àqueles em que o adulto empregava o dêitico *esse* com muita freqüência, a saber, contextos em que são manipulados brinquedos, revistas, livros, etc.;

c) nos dados de A., o dêitico *esse* realiza-se como [echi] e [essi] e *este* realiza-se como [esti], [espi] e [eti], sendo a forma [echi] a mais freqüente;

d) já nos dados de R., *esse* realiza-se como [echi] e [essi]; a forma *este* realiza-se [ti] e [eti], sendo que [essi] é a forma mais comumente encontrada;

e) a forma *esse* flexionada no feminino aparece aos 3;2 nos dados de A. e de R.;

f) a forma *esse* contraída com as preposições *de* e *em*, surge aos 2;6 nos dados de A. e aos 2;8 nos de R.;

g) a forma *isso* aparece aos 2;9 nos dados de A. e aos 3;0 nos de R.;

h) aos 2;10, A. começa a usar *esse* com função de operador de discurso, sendo que o mesmo não aparece nos dados de R.;

i) a forma *aquela* emerge aos 3;0 nos dados das duas crianças;

j) a forma *aquela* flexionada no feminino aparece aos 3;2 nos dados de A. e aos 3;7 nos de R.;

l) até os 4;0, a forma *aquilo* não aparece nos dados dessas duas crianças.

- Quanto às expressões dêiticas locativas:

a) a primeira expressão dêitica locativa adquirida por A. e R. é *aqui*; aos 2;5. Esse é o dêitico locativo mais abundantemente produzido por essas duas crianças;

b) As ocorrências do dêitico *aqui*, para R., dão-se principalmente em respostas a perguntas do tipo *Cadê x?* ou *Onde está x?*, enunciadas pelo adulto. O mesmo já não ocorre com A., cujas produções dessa forma dêitica ocorrem em emissões não-resposta a perguntas do adulto. Este fato apresenta-se como mais uma das diferenças individuais encontradas nos dados dessas duas crianças;

c) A semelhança do que foi observado com o dêitico *esse*, encontra-se também, nos dados de A. e R., o uso de *aqui* com função de operador discursivo;

d) A forma *lá* aparece aos 2;10 nos dados de R. e aos 3;4 nos de A.;

e) A forma *aí* aparece aos 3;1 nos dados das duas crianças.

- Quanto ao pronome de 1a. pessoa: a aquisição do pronome pessoal *eu* deu-se em seis meses para o menino (dos 2;2 aos 2;8) e em oito meses para a menina (dos 2;2 aos 2;10), sendo que cada uma dessas crianças segue estratégias diferentes nessa aquisição, como já apontei anteriormente.

Um ponto importante a ser ressaltado é a própria natureza lingüística dos dêiticos, em especial dos pronomes: estes não têm uma referência estável; os referentes em potencial são infinitamente variáveis. Palavras como *eu* e *você* não são associadas a nenhuma pessoa em particular; ao contrário, a relação entre tais palavras e seus referentes é distinta para cada papel discursivo assumido. Em outras palavras, os dêiticos revertem sua referência de acordo com o falante em cada momento.

Dada essa natureza reflexiva dos termos dêiticos, podemos dizer que sua aquisição só pode ser construída concomitantemente à capacidade da criança de diferenciação e coordenação de perspectivas: a criança deve ser capaz de reconhecer que existem outras perspectivas, diferentes da sua própria, e de representar a perspectiva de seu interlocutor perante o universo referencial instaurado pelo discurso. Só assim, ela é capaz de dizer *eu*, de flexionar verbos na 1ª pessoa, de diferenciar *aqui* x *aí*, *lá* e *esse* x *aquele*. Note-se que não se trata de um desenvolvimento cognitivo puro, que exclui fatores lingüísticos mas de uma capacidade que só pode emergir em práticas discursivas dialógicas.

No caso específico dos pronomes, a criança observa, na interação com o adulto, que o outro refere-se a si mesmo usando *eu* e dirige-se a ela usando *você*, mas a criança ela mesma não usa *você* para auto-referência. E, a partir de um determinado período de seu desenvolvimento, começa a referir-se a si própria usando o *eu*, e isto tem um papel importante - como anteriormente já apontado por de Lemos (1989) - na possibilidade da criança olhar para si mesma do ponto de vista do outro e converter o discurso do outro em discurso próprio.

Assim sendo, só é possível para a criança adquirir os dêiticos na sua interação com o outro, momento em que assume papéis e participa no discurso. É dentro desse processo dialógico, enquanto fenômeno de natureza discursiva, que se dá a construção dos dêiticos pela criança, como previsto pela teoria sócio-interacionista da aquisição da linguagem. De fato, o próprio fenômeno da dêixis só é satisfatoriamente explicado por teorias lingüísticas que levam em conta na análise a enunciação ou as práticas discursivas.

BIBLIOGRAFIA

- BATES, E; BRETHERTON, I e SNYDER, L. (1988) **From First Words to Grammar. Individual differences and dissociable mechanisms**. Cambridge: Cambridge University Press.
- BENVENISTE, E. (1988). "A natureza dos pronomes". In: **Problemas de lingüística geral**. Campinas: Pontes/ Editora da Unicamp.
- CLARK, E. (1978). "From Gesture to Word: on the natural history of deixis in language acquisition." In: Bruner, J. S. e Garton, A. (eds.) **Human Growth and Development**. Oxford: Clarendon Press.
- _____. & Sengul, C. J. (1978). "Strategies in the Acquisition of Deixis". In: **Journal of Child Language**, 5: 457-475.
- GRIEVE, R. (1982). "Review of Savic, S. (1980): How Twins Learn to Talk", In: **Journal of Child Language**, 9.
- HALLIDAY, M. A. K. (1975). **Learning how to mean**. London: E. Arnold.
- LAHUD, M. (1979). **A Propósito da Noção de Dêixis**. SP: Ática.
- DE LEMOS, COM. G. T. (1989). "Uma Abordagem Sócio-Construtivista da Aquisição da Linguagem: Um Percorso e Muitas Questões". In: **Anais do I Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem**, PUC, RS.

LYONS, J. (1977). **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 2.

PERRONI-SIMÕES, M. C. (1976). Aspectos da Gramática Portuguesa aos 2;0 de idade. Dissertação de Mestrado, Depto. de Lingüística, IEL, Unicamp.

_____. (1991). "Diferenças individuais na Aquisição da Linguagem: um estudo sobre gêmeos." In: **Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem – CEAAL**.

PETERS, A. (1977). "Language learning strategies: Does the whole equal the sum of the parts?" In: **Language**, vol. 53, no. 3.

SAVIC, S. (1980). **How Twins Learn to Talk: A Study of the Speech Development of Twins from 1 to 3**. London: Academic Press.

TFOURI & KLATZKY (1983). "A discourse analysis of deixis: pragmatic, cognitive and semantic factors in the comprehension of this, that, here and there". In: **Journal of Child Language**, 10: 123-133.